

## Parte I - Matrizes Interacionais

### 3. O encaminhamento à pesquisa

José Luiz Braga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRAGA, J.L. O encaminhamento à pesquisa. In: BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 65-84. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6. <https://doi.org/10.7476/9788578795726.0004>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

### 3. O encaminhamento à pesquisa

*José Luiz Braga*

#### 1. Introdução

Afirmamos, desde o primeiro capítulo, a preocupação de que nossas proposições não se apresentem com pretensão *explicativa* das características do fenômeno comunicacional. Certamente posições são tomadas, premissas são assumidas, características são elaboradas. Mas evitamos uma caracterização da realidade que pretenda estabelecer processos aprioristicamente classificadores ou determinados de antemão por relações genéricas de causalidade.

Nesse sentido, podemos afirmar que as reflexões feitas se colocam em perspectiva heurística – como estímulo e apoio ao trabalho de investigação e descoberta sobre realidades múltiplas em que vemos a comunicação humana e social se exercer.

Em variadas discussões preliminares sobre os conceitos aqui propostos, ouvimos a seguinte questão, posta em diferentes formulações: como usar essa perspectiva a serviço da pesquisa empírica?

A questão se justifica, pela frequência de aplicação de teorias por sua característica de explicação de uma realidade geral, em que se faz simplesmente entrar o objeto específico pesquisado nas categorias lá estabelecidas ou em que se busca apenas explicar os efeitos por causas dadas e conhecidas. Como as presentes reflexões efetivamente não oferecem categorias prontas nem relações causais

pré-definidas, tais *démarches* (eventualmente interessantes para outros objetos) não encontram aqui aplicabilidade.

O propósito de uma heurística é sobretudo o de fornecer modos de olhar um objeto a ser investigado, de fazer aproximações tentativas que, em vez de inscrever o objeto em um conceito que dedutivamente o explica, procuram inquiri-lo até obter descobertas sobre sua especificidade, suas características próprias. A palavra heurística significa justamente a arte da descoberta.

As características próprias do objeto, descritivamente obtidas, devem por sua vez se relacionar em um quadro de percepções mais abrangentes, no qual a singularidade do objeto forneça elementos para uma percepção ampliada do fenômeno geral de nosso interesse, que é a comunicação.

O processo da heurística se faz em dois níveis. Primeiro, estimulando determinadas perguntas, para esclarecer aspectos do objeto que permitam evidenciar características comunicacionais deste. Depois, e na medida em que perguntas desse tipo (não necessariamente as mesmas, mas de mesma ordem) sejam feitas a outros e outros objetos, ainda que diferenciados entre si, será possível, então, cotejar esses objetos, malgrado sua variedade, pelas respostas que oferecem. Obtém-se, no processo, uma percepção mais abrangente a respeito das características observadas.

Dado esse critério comum, de responder a uma mesma ordem de perguntas, a própria diversidade deixa de ser dispersão, passando a constituir um corpo relacionado de características, de aspectos, de *variações*, que informam sobre o fenômeno maior do qual os objetos são realizações e exercícios singulares.

Assim, episódios, dispositivos interacionais, circuitos, tentativas, códigos, inferências consideradas nos processos comunicacionais em estudo não são categorias, entre as quais houvesse

qualquer interesse em distribuir elementos observados em nosso objeto de estudo. Podemos – muito diversamente – decidir se é estimulador de descobertas (ou não) tratar nosso objeto específico segundo tais perspectivas.

Assumindo que o seja, como exercer essa heurística?

Para encaminhar essa questão, desenvolvemos dois passos metodológicos. O primeiro corresponde a reunir as proposições feitas, agora em formulação aforística, para referência sintética. As duas séries de proposições, sobre dispositivos interacionais e sobre circuitos – a segunda, articulada à primeira; ambas se caracterizando como diferentes modos de interação – consolidam nossas principais premissas.

No segundo passo, desenvolvemos perguntas relacionadas às premissas. São questões tentativas – outras podem ser elaboradas. São também abrangentes – podem ser consideradas questões de horizonte a partir das quais perguntas mais especificamente voltadas para os observáveis em investigação serão feitas segundo as lógicas do caso em estudo.

Esses dois passos são expostos sucessivamente, adiante – nos itens 2 e 3, as premissas; nos itens 5 e 6 as perguntas.

Não se trata, então, de uma listagem para aplicação formal, como se de sua resposta decorresse, meio automaticamente, o sistema de relações interacionais do processo comunicacional em pesquisa. Para cada pesquisa específica, para o caso singular, algumas podem ser pertinentes, outras não. Algumas talvez sejam diretamente aplicáveis, outras precisarão de redirecionamento solicitado pelo próprio objeto. As questões indicadas se colocam, então, apenas como estímulo a uma postura interrogativa sobre o objeto, na lógica das reflexões heurísticas aqui trabalhadas.

## 2. Premissas básicas da heurística: Dispositivos Interacionais

### 2.1. A Comunicação

- a. A comunicação se realiza nos episódios de interação em que os seres humanos se engajam cotidianamente.
- b. A comunicação é um trabalho de compartilhamento entre diferenças, como modo de enfrentar, resolver ou fazer agir criativamente essas diferenças.
- c. A comunicação é sempre uma ação entre participantes em contexto. O modo pelo qual a sociedade produz seus variados processos interacionais viabiliza o funcionamento de ambientes de articulação, dando espaço (apenas parcialmente normatizado) para os participantes sociais exercerem suas táticas e estratégias.
- d. A comunicação não é algo que ocorre ou não ocorre, como alternativas mutuamente excludentes. Frequentemente canhestra, sempre imperfeita, se exerce em variados graus de qualidade, sucesso e valor.
- e. A comunicação é tentativa – se realiza probabilisticamente, com graus variados de “sucesso”. Essa tentativa se refere mais propriamente ao que a sociedade tenta viabilizar pelos processos disponíveis do que apenas ao esforço dos participantes para atingir seus objetivos diferenciados.
- f. A comunicação é transformadora, acionando elementos já compartilhados, em um determinado momento, como base para produção de novos compartilhamentos, fazendo incidir esse processo, inferencial, sobre o já compartilhado, produzindo mudanças de sentido, e tensionando o próprio dispositivo em uso.

## **2.2. Episódios & Dispositivos**

- g. Em cada situação, a sociedade gera tentativamente, em modo prático – por seus episódios interacionais – processos inferenciais para seu funcionamento. Tais práticas acabam se organizando em dispositivos variados, que por sua vez “modelam” o funcionamento comunicacional das interações que acionam os dispositivos.
- h. O episódio comunicacional, que é a comunicação concreta, se desenvolve, assim, no âmbito de “dispositivos interacionais”, produzidos nas circunstâncias históricas e acionados nos contextos específicos dos participantes.
- i. Correlatamente, o episódio interacional acionador de tais dispositivos lhes dá forma, sentido, substância e direcionamento. Na sucessão de episódios, os dispositivos interacionais são desenvolvidos, mantidos e transformados, por suas táticas e inferências para ampliar a probabilidade de obtenção de resultados.
- j. Os objetivos dos participantes se articulam aos objetivos do processo e os tensionam.
- k. Na ausência ou insuficiência social de dispositivos para os objetivos singulares de um episódio, entram em ação processos experimentais que, na medida de seu interesse social mais amplo, são potenciais geradores de novos dispositivos.

## **2.3. Códigos & Inferências**

- l. Os componentes básicos de episódios e dispositivos interacionais podem ser observados por suas características de “código” – elementos compartilhados que dão suporte

à organização dos dispositivos e à interação real; e pela presença ou exigência de trabalho inferencial, como elemento interacional ativo.

- m. A distinção entre códigos e inferências não caracteriza um objeto fraturado, dual: através da inferência, o ainda não compartilhado se produz em compartilhamento; o código, sempre incompleto, se desenvolve pela inferência; que, por sua vez, na reiteração tentativa, acaba por se organizar como código.
- n. O processo comunicacional de transformação se manifesta particularmente nesse trânsito contínuo entre aqueles dois aspectos da comunicação: os códigos se exercem por acionamento inferencial; as inferências, na medida de sua pertinência, geram códigos.
- o. Por isso mesmo, no trabalho de pesquisa, o que interessa não é classificar os elementos nas duas categorias; mas sim perceber como se relacionam, para qual trabalho interacional são acionados, *que sistema de relações compõem*, quais as suas dinâmicas na interação.

#### **2.4. Contextos**

- p. Os dispositivos interacionais são modulados pelos contextos e processos instituídos ou experimentais específicos em cujo ambiente ou referência se desenvolvem.
- q. Além disso, reflexivamente, os processos desenvolvidos nos episódios interacionais passam a incidir sobre seus contextos, modificando-os através de seus resultados e do fenômeno da circulação.

### **3. Premissas básicas da heurística: Circuitos de Comunicação**

#### **3.1. Circulação & Circuitos**

- a. Os resultados de um episódio interacional se oferecem como matéria possível para outras interações, tanto materializados em produtos de sentido, como na forma de memória e referência a falas, gestos e decisões.
- b. Os elementos de saída de um episódio (decisões, encaminhamentos, ideias, sentimentos expressos, objetivos, etc.) se mostram em circulação, alimentando sucessivos episódios interacionais. Os episódios que acolhem aqueles elementos os relacionam, por sua vez, a seus próprios processos e metas, inscrevendo-os em outros sistemas de relações e viabilizando novas inferências.
- c. Constatamos, nesse processo, um fluxo comunicacional contínuo e adiante que dinamiza o que se passa entre diferentes dispositivos interacionais. Após a apropriação de sentidos daquilo que recebem ou captam, os participantes de um episódio podem pôr em circulação no espaço social sua resposta. Essa resposta, à diferença das interações conversacionais, não se manifesta como ida-e-volta entre participantes. O retorno relevante nesse âmbito é aquele, difuso, do circuito ampliado e não a volta imediata ao ponto de partida.
- d. A comunicação social pode ser apreendida, em parte, como um fluxo incessante de ideias, informações, injunções e expectativas que circulam em formas e reconfigurações sucessivas. As múltiplas ideias, proposições, imagens, posições polêmicas e tendências expressas se reforçam, se contrapõem, desaparecem ou retornam. Nesse processo,



a circulação extrapola o intervalo, que era antes assumido como enfoque principal, entre “produção” e “recepção”.

- e. Assim como os dispositivos e episódios interacionais, o processo de circulação entre eles é também tentativo. Mas os percursos e vínculos entre os sucessivos núcleos de interação não se constituem *ad-hoc*, a cada processo de encaminhamento. A sociedade elabora – através das tentativas comunicacionais de criação, de ajuste e de aperfeiçoamento – processos mais ou menos reiterados de conexão e de tensionamento entre diferentes tipos de episódios, desenvolvendo assim lógicas articuladoras entre os dispositivos interacionais acionadores da circulação. Tais conexões acabam por constituir um circuito habitual que passa a direcionar o fluxo comunicacional – envolvendo manutenção, modificação, contraposição e acréscimo de ações, encaminhamentos e objetivos.
- f. O circuito, uma vez constituído entre diferentes dispositivos interacionais, implica trânsito de objetivos, resultados e transformações – que se apresentam como informação (elementos compartilhados ou imediatamente compartilháveis); e como questões para reinterpretações e novas ações comunicacionais, nos episódios subsequentes, viabilizando frequentes redirecionamentos.
- g. Um mesmo dispositivo interacional pode estar inscrito em diferentes circuitos.

### **3.2. Escuta e retroação de sentido**

- h. Na medida em que a comunicação se amplia e se acelera pela midiaticização social, aciona crescentemente uma escuta e uma produção centrada no polo receptor.

Podemos discernir aí uma retroação de sentidos, que vai da recepção à produção, não como “retorno de resposta”, mas como previsão e antecipação da leitura que será feita.

A tendência à serialidade que se evidencia na sociedade em midiatização favorece que as expectativas sobre os passos subsequentes de um circuito sejam aperfeiçoadas e ativadas para as novas “edições” dos passos anteriores. Na reiteração serial dos passos de um circuito, pode-se efetivamente observar reações dadas e fazer ajustes tentativos: a comunicação, nesse movimento, remonta de jusante a montante. Nessa incidência retroativa, passamos a acionar interações a partir das respostas que pretendemos, esperamos ou recebemos.

### **3.3. Pontos nodais da circulação**

- i. Os dispositivos interacionais e seus episódios são os pontos nodais da circulação. O “produto” corresponde apenas a uma parte dos elementos de saída e de entrada que relacionam dispositivos interacionais no circuito. Em cada ponto nodal ou “estação” identificável, são estimuladas ações interacionais, adjunção de códigos, acionamento de inferências e, portanto, geração de outros sistemas de relações entre os componentes aí articulados.

### **3.4. O produto no circuito**

- j. Como o circuito comunicacional extrapola as relações entre produção e recepção, o produto mediático não deve ser visto como ponto de partida no fluxo. O produto se elabora, já, como consequência de processos, expectativas

e ações que resultam em sua composição como “um objeto para circular”. O produto não institui sua própria circulação: se faz para um circuito no qual se viabiliza e ao qual alimenta. É preciso então substituir a ênfase no “produto que circula” por uma percepção de circuito mais ampla, procurando focar a observação em nível mais abstrato.

- k. O produto, entretanto, é um momento auspicioso da circulação – porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços. Torna-se um especial objeto de observação e pesquisa para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve. Ocupa um lugar especial por sua materialidade e consequente facilidade de captura para observação e inferências. É um “momento” particularmente feliz, por sua materialização, de um circuito que começa antes e continua depois.

### **3.5. As lógicas do circuito**

- l. Nos circuitos da sociedade em midiatização não prevalecem as lógicas deste ou daquele meio nem de determinados tipos de meios. Não cabe contrapor os meios digitais aos meios de massa como se fossem caracterizadores de mundos diferentes. Cada circuito compõe diferentes articulações entre o massivo e o digital, engastando ainda, aí, o presencial e a escrita.

Não cabe, também, descurar os momentos em que os dispositivos criadores e repassadores dos processos em circulação sejam de ordem conversacional (presencial ou a distância), organizados

ou espontâneos – não mais acantonados em um espaço mudo de recepção. Diversamente, tais dispositivos comunicacionais interpolam sua fala no fluxo aparentemente mais vistoso e acelerado da mídia.

### **3.6. Circuitos versus Campos Sociais**

- m. Os circuitos não se desenvolvem no vazio. Há uma sociedade pré-mediática instalada, por suas instituições e estruturas historicamente elaboradas, que ativam, como hábito, seus processos comunicacionais constitutivos. Tais estruturas podem ser percebidas e estudadas enquanto campos sociais (Pierre Bourdieu; Adriano Rodrigues).

Dentre esses campos, o “campo dos media” corresponde a um delineamento institucional/profissional evidente. Este campo não é, porém, “o responsável” pela midiatização da sociedade, senão na medida em que todos os campos sociais igualmente o são, cada um com suas incidências específicas.

Cada campo social participa de circuitos múltiplos. Com a midiatização crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias “lógicas de campo” e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos.

- n. A intensidade atual da circulação, o surgimento de articulações e de fricções leva a uma ocorrência de processos experimentais pela sociedade: a cultura da midiatização em implantação se faz por experimentação, estimulando fortemente a invenção social.

- o. Onde anteriormente os processos principais da comunicação podiam ser conduzidos pelas lógicas de campos específicos e por negociação em zonas de fronteira entre campos, hoje o trabalho de articulação com o todo social exige o desenvolvimento de táticas e usos para os circuitos disponíveis, negociando com seus objetivos.
- p. Paralelamente, os campos sociais agem sobre os circuitos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da mediação, experimentam práticas mediáticas, se inscrevem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos mediados, dão sentidos específicos ao que recebem, transformam e repõem em circulação – por isso mesmo, modificando a si próprios. Por ação de determinados agentes internos aos campos sociais, assim como de agentes externos, mudanças decorrentes de processos em experimentação modificam os sentidos e os modos de ação dos campos sociais; outros campos se desenvolvem; e, sobretudo, os modos de interação entre os campos sociais, e entre cada um destes e a sociedade ao largo, se modificam.

#### **4. O gesto da heurística**

Como entender – e sobretudo, como acionar para a pesquisa – essas proposições? Podemos afirmar que são inferências sobre determinados aspectos do fenômeno comunicacional. Foram lentamente refletidas a partir de observações empíricas de pesquisas que venho desenvolvendo nos últimos doze a quinze anos. Estão sendo testadas sobre diversos outros materiais e situações – o suficiente para que tenhamos, hoje, uma percepção de sua razoável abrangência para o estudo de casos em perspectiva propriamente

comunicacional – sempre que possamos assumir a importância, em um estudo de caso, de perceber suas lógicas interacionais.

São, entretanto, afirmações genéricas: não respondem, de modo algum, sobre a especificidade do caso a observar, nem explicam sua inserção em uma categoria geral qualquer. Afirmar que “a comunicação é um trabalho de compartilhamento entre diferenças”; ou que “a comunicação é tentativa” não consolida o caso.

Posso, porém, descrever o caso segundo tais perspectivas. Se *a comunicação é tentativa* (uma premissa heurística envolve um elemento condicional, uma possibilidade a ser posta como estímulo), posso descrever o caso segundo aquilo que os participantes estão ali tentando; e sobretudo, observar o que no próprio processo se apresenta como tentativo.

O que obtenho, com essa descrição, não é uma resposta padrão que reconduza o caso a uma categoria anteriormente dada – mas sim uma percepção *de suas lógicas específicas* quanto a esse ângulo. Não se pretende, é claro, que cada lógica interacional seja *sui-generis*, que seja singular – a própria ideia de dispositivos socialmente elaborados e disponíveis se põe contra essa alternativa. Mas só após a descrição segundo o ângulo assumido terei a especificidade do caso. Essa especificidade (diferente da ideia de singularidade) é explicitada como modelo próprio, que esclarece o sistema de relações e as lógicas práticas ocorrentes *naquele caso*. Só após a descrição poderei obter o quadro em que o objeto da pesquisa se inscreve de modo não banalizado – como o seria se fizéssemos sua inserção prévia dentro de um conjunto de categorias.

É preciso sublinhar que a questão iniciada pela condicional “se”, conforme estabelecemos no presente argumento (“se a comunicação é tentativa, então...”) não se resolve como raciocínio dedutivo. O passo seguinte não é uma conclusão lógica e necessária que relacione a premissa posta (como se fosse uma premissa maior) com uma premissa

menor (referente ao caso) para dar rigor de verdade ao resultado. Dada a premissa heurística, de ordem abrangente, o passo seguinte é tirar daí uma pergunta que pede a descrição: se a comunicação é tentativa, o que – aqui, nesse caso em estudo – está sendo tentado?

A heurística pede, justamente, a busca de indícios, através de uma descrição segundo o ângulo da pergunta feita; e a elaboração, a partir daí, de inferências abduativas – assumindo, assim, o paradigma indiciário de investigação (Ginzburg, 1989; Braga, 2008). A inferência abduativa é que será, então, nossa resposta. Hipotética, mas crescentemente testada e completada pela sucessão de perguntas e de descrições.

A cada uma das proposições encaminhadas nos itens anteriores, podemos, portanto, fazer perguntas correspondentes – de ordem geral e tentativa – por sua vez estimuladoras de descrições direcionadas para a descoberta a respeito do caso específico que se esteja esquadrinhando. As referências entre parênteses remetem às premissas correspondentes.

## **5. Questões decorrentes de premissas sobre Dispositivos Interacionais**

### **5.1. A Comunicação**

*Ver se é possível (e se é produtivo) observar e descrever o objeto da pesquisa como um caso de episódio interacional (2.1.a).*

*Que diferenças parecem ser relevantes e podem ser levantadas, descritas, no observável? Que modos de compartilhamentos os participantes tentam? (2.1.b).*

*Lembrar que “compartilhamento” é diferente de consenso ou acordo. O compartilhamento pode se conflituoso. (2.1.b).*

*Que ações? Como posso perceber suas lógicas? O que está “em questão”? (2.1.c).*

*Observar graus qualitativos do processo. (2.1.d).*

*Quais seriam os objetivos sociais do processo (enquanto distintos dos objetivos deste ou daquele participante)? O que a sociedade tenta realizar através do dispositivo interacional (já disponível ou em construção no caso examinado)? (2.1.e).*

*Como as ações dos participantes se relacionam com os elementos já compartilhados entre eles? Ocorrem transformações (nas ações dos participantes; nos dispositivos acionados; no grau de compartilhamento; nos processos de compartilhamento; na experiência compartilhada)? Como parecem ocorrer essas transformações? (2.1.f).*

## **5.2. Episódios & Dispositivos**

*Que dispositivos “habituais” (culturalmente difundidos) podem ser percebidos em ação, acionados por um ou mais participantes? Parece ocorrer tendência de geração experimental de dispositivos? (intencional ou não) (2.2.g – 2.2.h).*

*Em quê o episódio parece especificar e/ou tensionar dispositivos mais habituais? (2.2.i).*

*Como esses objetivos se articulam? Como se tensionam mutuamente? (2.2.j).*

*Há processos experimentais em curso? (no episódio específico em estudo; e/ou na classe de episódios na qual o que observamos se inscreve) (2.2.k).*



### **5.3. Códigos & Inferências**

É possível perceber incidências mútuas entre os diferentes processos – reiteraões, tensionamentos, mixagens? *Que inferências são requeridas para o uso dos códigos? Ações inferidas tendem a reiteração?* (2.3.l – 2.3.m – 2.3.n – 2.3.o).

### **5.4. Contextos**

*Que contextos parecem relevantes? Como os ambientes observados incidem sobre o episódio interacional em estudo?* (2.4.p – 2.4.q).

*Na ocorrência de processos experimentais, como o que é experimental relaciona episódio e contexto?* (2.4.p – 2.4.q).

*Como os processos do episódio em estudo parecem incidir sobre o que o pesquisador assumiu como contexto relevante?* (2.4.p – 2.4.q).

## **6. Questões decorrentes de premissas sobre Circuitos de Comunicação**

### **6.1. Circulação & Circuitos**

*Verificar se é mais produtivo circunscrever a observação aos processos interacionais do episódio; ou se é mais interessante estudar sobretudo as conexões e tensionamentos entre dispositivos interacionais, com base no circuito que se estabelece entre eles.* (3.1.a).

*Quais são os elementos de saída? Como são apropriados e acionados por interações sucessivas? Que reinserções essa acionamento*

*faz, para inscrever os elementos acolhidos em seu sistema de relações interacionais específico? (3.1.b).*

*Que fluxo se constitui no processo de acolhimento de elementos de outros dispositivos interacionais; de apropriação e acionamento; de geração de “respostas”, como novos elementos de saída? (3.1.c).*

*Que seleções, complementações, transformações, contraposições e redirecionamentos são exercidos nos produtos, nas proposições, informações, etc. que são repassados da sequência do circuito? (3.1.d).*

*Que tentativas sociais de circulação o circuito caracteriza? Como essas tentativas se compõem no conjunto de dispositivos interacionais? Que sistema de relações se pode perceber nessa composição de conjunto – em termos de reforço, tensionamento, agonística, contraposição, desvio, questionamentos e outras ações? Que tentativas processuais caracterizam o circuito? (3.1.e).*

*Que aportes informacionais os elementos apropriados/acionados trazem para o episódio que os acolhe? Que questões e desafios oferecem? (3.1.f).*

*Alguns dos dispositivos interacionais do circuito em observação apresentam a característica de comutadores entre diferentes circuitos? (3.1.g).*

## **6.2. Escuta e retroação de sentido**

*Há ações explícitas e relevantes de escuta de um dispositivo sobre outro? Como se realiza? Que previsões e antecipações se fazem*

*em determinado dispositivo interacional quanto às apropriações e acionamentos a serem feitos nos dispositivos subsequentes? Há processos de serialização que viabilizem ajustes de saída com base no acolhimento já experimentado? (3.2.h).*

### **6.3. Pontos nodais da circulação**

*Como a ação dos pontos nodais ou entre pontos nodais se evidencia como caracterizadora do produto (ou qualquer outra forma de processo em circulação)? (3.3.i).*

### **6.4. O produto no circuito**

*Correlatamente à questão anterior, como o produto (e processos correlatos em circulação) se faz, em vista do circuito para o qual é previsto? Em consequência de quais interações a montante; e na expectativa de quais processos a jusante? (3.4.j).*

*Como o produto realiza a processualidade interacional que o antecede, em dispositivos anteriores? Como o produto consolida os processos que o elaboram, no dispositivo interacional de sua criação? Como o produto expressa tais interações – e portanto viabiliza inferências sobre estas? (3.4.k).*

### **6.5. As lógicas do circuito**

*Diante de um circuito observado, que lógicas articulam, com especificidade, os diferentes pontos nodais (dispositivos), os diferentes meios, os momentos midiáticos e os momentos de ordem conversacional? Como o sistema de relações entre os pontos nodais, que são*

*os dispositivos interacionais, conjugam, na sua existência singular, tais diferenças e especificidades? (3.5.1).*

## **6.6. Circuitos versus Campos Sociais**

*Que campos sociais são atravessados pelo circuito em observação? Como determinados pontos nodais se relacionam com tais campos? Como os campos sociais negociam processos com os circuitos que os atravessam, e sobre os quais buscamos ter incidência? (3.6.m).*

*Que processos de experimentação e de invenção social podemos discernir no circuito em estudo? Como as lógicas dos campos sociais interessados sofrem tais experimentações ou as exercem? (3.6.n).*

*Que sentidos específicos, que apropriações, os campos sociais em pauta exercem por sua inserção no circuito em observação; e como se reformulam nesse processo mesmo? Como a complexidade do campo social e suas tensões internas são levadas a esse espaço de circuitos externos ao campo? Por quais tipos de agentes internos? Que agentes externos ganham espaço de ação sobre processos antes circunscritos a decisões esotéricas dos campos? (3.6.o).*

\*

Os nove capítulos que se seguem expõem casos empíricos trabalhados por seus autores individuais a partir do Seminário de outubro de 2012, referido na Apresentação. Representam, concomitantemente, uma mesma preocupação de captar as lógicas e características comunicacionais específicas de seus objetos, segundo a apropriação que seus autores fazem de nosso ângulo de estudo.

É relevante assinalar que, naquele Seminário, nosso ponto de partida reflexivo eram três artigos apresentados a debate: “Nem rara, nem ausente, tentativa”; “Dispositivos Interacionais”; e “Circuitos versus Campos Sociais” (José Luiz Braga, respectivamente 2010c; 2011b; 2012b). Estes artigos foram elaborações iniciais da perspectiva aqui apresentada. O texto até aqui apresentado não se confunde com estes artigos – embora os tenha tomado como ponto de partida. As reflexões expostas nesses três capítulos iniciais derivam, primeiro, dos próprios debates do Seminário de 2012; em seguida, de atividades de pesquisa sobre os temas, sempre em desenvolvimento nesse período; e finalmente, dos nove capítulos empíricos que se seguem – em relação estreita com nossas reinterpretações destes.

Após cada capítulo, fazemos um comentário curto, a que denominamos “suíte”, explicitando aspectos comunicacionais relacionados às perspectivas conceituais aqui apresentadas. Outras reflexões, transversais, são feitas, após, em capítulo de conclusão, completando as articulações desenvolvidas entre a parte reflexiva geral do livro e os elementos específicos de observação empírica.